



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C198 Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-455-9
DOI 10.22533/at.ed.559190507

1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS	
Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA	
Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822)	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985)	
Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892	
Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA	
Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO	
Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS

Wagner Lucas Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Belo Horizonte – Minas Gerais

RESUMO: O trabalho aqui descrito discorre acerca de um projeto de pesquisa que fomenta relações interdisciplinares entre Antropologia, História e Museologia para discussões que envolvem um alicerce epistemológico para a pesquisa e extroversão com a fortuna documental material das instituições museológicas e as oportunidades de narrativas possíveis de serem constituídas com objetos tridimensionais. Nesta perspectiva, serão privilegiadas as discussões dos estudos de cultura material, na qual será proposto o desenvolvimento de aplicações das construções teórico-metodológicas destes estudos nos museus e em seus respectivos acervos e exposições. A partir do campo cultivado na Museologia para o trabalho com a materialidade, tornando a temática um núcleo importante de discussões e reflexões neste campo científico, o trabalho suscita o diálogo com vertentes atuais na História e na Antropologia que contêm discussões atuais para o trabalho com cultura material. Desta forma, descrevem-

se algumas nuances do projeto, apresentando, brevemente, os problemas, os objetivos e os métodos pretendidos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Material; Museus; Museologia; História Cultural; Narrativa Museológica.

ABSTRACT: The article described here addresses a research project that seeks to sustain interdisciplinary relationships between Anthropology, History and Museology for discussions that involve an epistemological basis for research and extroversión with the material fortune of the museological institutions and the opportunities for possible narratives to be constituted with three-dimensional objects. In this perspective, the discussions of material culture studies will be privileged, in which the development of applications of the theoretical-methodological constructions of these studies in museums and in their respective collections and exhibitions will be highlighted. From the field cultivated in Museology to work with materiality, making thematic an important axis of discussions and reflections in this scientific field, the work raises the dialogue with current strands in History and Anthropology that contain current discussions for work with material culture. In this way, some aspects of the project are described presenting, briefly, the problems, the objectives and the methods intended.

KEYWORDS: Material Culture; Museums; Museology; Cultural History; Museological Narrative

1 | INTRODUÇÃO: CAMINHOS E PRESSUPOSTOS

A pesquisa tem como objetivo explorar os estudos de cultura material no que tange a pesquisa com acervos, e as relações entre conhecimento produzido a partir dos objetos e coleções e a formação de narrativas museológicas, partindo da premissa que os museus e a Museologia desconsideram e, em certa medida, desconhecem os valores destes estudos. A abordagem deverá recorrer à História e à Antropologia, compreendendo-as como campos de conhecimento que podem contribuir para “leitura” de objetos museológicos. A pesquisa deverá atuar em áreas pouco exploradas, podendo ter resultados que corroborem e potencializem alternativas teórico-metodológicas pouco valorizadas pela Museologia.

Pode-se indicar que há algumas facetas contempladas pela Museologia que exploram discussões, teorizações e metodologias de outras áreas de conhecimento, carecem de trabalhos sistematizados que podem melhor servir ao museólogo e a prática em museus. Este é o caso da vertente de estudos aqui contemplada, os estudos de cultura material, que mesmo apresentando enorme potencial de investigação e de produção de conhecimento em se tratando de instituições museológicas, detentoras de uma expressiva fortuna documental material, possui um quantitativo de trabalhos muito aquém do que poderia ser considerado razoável. Mesmo com as investidas de alguns teóricos nessa área, como, por exemplo, Ulpiano Bezerra de Meneses (1983, 1994) e José Reginaldo Gonçalves (2007), que postulam a necessidade de engajamento das instituições museológicas em trabalhos de pesquisa e extroversão de vestígios da cultura material, nota-se que os desdobramentos de tais discussões não tiveram um efeito expressivo dentro do campo teórico-metodológico da Museologia praticada no Brasil. Pode-se elencar três sintomas da falta de apropriação das ideias estruturadas pelos autores citados acima como: 1) a falta de articulação para traduções de livros, coletâneas e artigos de outros idiomas para o português, tais como, por exemplo, as produções bibliográficas de Daniel Miller, Susan Pearce e Hooper Greenhill (as duas últimas, ligadas a chamada *museum studies*) que contemplam em suas discussões, temáticas que de forma relevante podem contribuir para estudos com cultura material em museus e coleções; 2) a desconsideração e a insuficiência do aporte de pesquisas museológicas (que engendra diálogos interdisciplinares) que sustentam a concepção de uma exposição, muitas das vezes acobertando potenciais e denotando frágil poder heurístico aos objetos que a compõe, contribuindo para a marginalização do museu como lugar de pesquisa e 3) a proliferação e criação de museus sem acervos à custos milionários, enquanto instituições que gozam de um grande aparato documental se mantêm na inércia sendo sucateadas por falta de investimentos.

A pesquisa com objetos museológicos em exposições será o caminho para testar

e visionar dentro de um horizonte empírico o que pode mudar quando se considera, de maneira sistemática, os estudos que dão suporte para o trabalho com cultura material. Nesta perspectiva, a pesquisa está delineada pela problematização em torno da contribuição dos estudos de cultura material para a produção de conhecimento no campo da Museologia. A pesquisa deverá conduzir-se a partir das seguintes questões: Em que medida os estudos de cultura material podem apoiar os museus em suas atividades? Qual o impacto desses estudos para a comunicação desses acervos? Em que medida os resultados de pesquisa no campo da cultura material podem impactar positivamente as narrativas expositivas, na perspectiva da construção do conhecimento?

2 | PERCURSO TEÓRICO

O pilar básico para a sustentação destes estudos se encontra nos trabalhos instigantes de Ulpiano Bezerra de Meneses. Dois deles norteiam diretamente a construção do tema: o primeiro é um texto de 1983 intitulado “A cultura material no estudo das sociedades antigas” na qual apresenta seus incômodos em relação ao trabalho com cultura material no campo historiográfico e tenta delinear os benefícios do trabalho com tais fontes, sendo perceptível o ideal atual de tais discussões suscitadas neste artigo em texto mais recentes como, por exemplo, em Burke (2000 p. 90) e Rede (2012, p. 133-150); o segundo texto é intitulado “Do teatro da memória ao laboratório da história: exposição museológica e conhecimento histórico” de 1994, que explora as possibilidades das exposições contribuírem através dos arranjos narrativos com objetos para a produção do conhecimento histórico. Os dois trabalhos são apresentados como convite para pesquisadores visualizarem possibilidades nesses tipos de estudo, apresentando mais entradas para o tema do que soluções.

A definição de cultura material delineada por Meneses será aqui considerada para exploração do tema, na qual ele escreve:

Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica). (MENESES, 1983, p. 112)

Esta conceituação holística de cultura material compreenderá as discussões propostas para o projeto, contemplando, até mesmo, as linhas epistemológicas paralelas que serão analisadas nesta pesquisa.

A partir deste alicerce conceitual do que será considerado como cultura material, o

propósito da pesquisa concentrará nas possibilidades sustentadas dentro de vertentes de trabalho da História e da Antropologia que apresentam status atuais de discussões e movimentações teóricas, sondando as reverberações que poderão dar suporte para o trabalho com cultura material dentro das instituições museológicas.

Em relação à História, as teorias historiográficas exploradas se encaixam dentro das discussões atuais de história cultural e da narrativa historiográfica. A história cultural é vista como um campo consequente das revisões críticas da história das mentalidades – dada na época como o *mainstream* da disciplina, realizadas a partir dos anos 70 e 80 (VAINFAS, 1997, p. 220; CHARTIER, 1991, p 173-176). Suas principais viradas de pesquisa consistem na consideração das classes subalternas, do cotidiano e das diversas manifestações culturais presentes e combatentes em uma dada sociedade trazendo para o escopo da pesquisa histórica uma concepção mais pluralista culturalmente e dialética em relação ao coletivo e o individual (VAINFAS, 1997, p. 221-222).

Um dos mais notáveis pensadores da história cultural, responsável pelos delineamentos teóricos deste campo é Roger Chartier. Este autor, em um texto manifesto sobre a história cultural, publicado em uma edição especial dos *Annales* - importante revista francesa do campo da História - em 1988, intitulado “O mundo como representação” apresenta as suas considerações teórico-metodológicas que alicerçam sua perspectiva em relação ao campo. Neste texto ficam claros os principais conceitos norteadores de suas análises historiográficas: Representação, prática e apropriação. Diferente da história das mentalidades, este paradigma historiográfico considera a cultura como uma razão prática refletidas nas relações sociais. Destacando um ponto importante para a presente pesquisa, é possível já visualizar neste texto de Chartier suas considerações em relação à materialidade, e conseqüentemente, a cultura material:

Enfim, ao renunciar ao primado tirânico do recorte social para dar conta dos desvios culturais, a história em seus últimos desenvolvimentos mostrou, de vez, que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente sociológicos e que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Donde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados.

No que tange as discussões sobre narrativa na História, existe alguns trabalhos que já propõem laços entre a Museologia e a historiografia, ou sobre a historiografia nas narrativas museológicas. Como exemplo, pode-se citar Salgado Guimarães (2002, 2003), Morales Moreno (2009) e Pomian (2003). As questões que pretendem-se colocar no debate são sobre a construção de sentido e de narrativas museológicas autônomas com cultura material atreladas às discussões historiográficas recentes,

principalmente, no que tange aos usos do artifício expositivo entrelaçando elementos documentais e estéticos com o objetivo de compor uma narrativa de poder heurístico, representacional e ao mesmo tempo com sensibilidade de despertar um senso crítico sobre o passado, o presente e o futuro, tudo isso, na perspectiva de explorar as possibilidades de interpretação e reinterpretação da cultura material. Diante disso, os trabalhos de Jörn Rüsen sobre paradigma narrativista e construção de sentido (2001 e 2009) e de Paul Ricoeur sobre narrativa, mais estritamente a discussão sobre memória e representação (2007) serão analisados sondando as oportunidades de debates que estes podem oferecer para subsidiar a concepção de narrativas museológicas. Algumas discussões já presentes no seio da Museologia serão chaves de interpretação para tais discussões sobre narrativa, como por exemplo, o trabalho de Hooper-Greenhill (2000) que tenta compreender como dar a construção de sentido na fruição dos visitantes das exposições museológicas, e Susan Pearce (1994) que explora as possibilidades de pesquisa e extroversão com objetos de museu.

No que diz a Antropologia, a vertente que nesta pesquisa será explorada serão os estudos de cultura material que se desdobram da “*material turn*” ou “*material-cultural-turn*” (HICKS, 2010). Esta virada ontológica teve seus primeiros passos nos anos 60 e 70 nas tentativas de aproximação realizadas, sobretudo, pelos Arqueólogos, para aproximar suas práticas da Antropologia, muito devido um incômodo com a abstração envolvida nas discussões teóricas do conceito de cultura, que conseqüentemente, promovia uma desmaterialização das relações sociais (REDE, 2012). Nesta perspectiva, foram desenvolvidas novas práticas no seio do campo da Arqueologia, como a Nova Arqueologia (Arqueologia pós-processual), Arqueologia Contextual, Arqueologia Histórica e EtnoArqueologia muito apropriada no mundo Anglo-Americano, principalmente, na Inglaterra (HICKS, 2010, p. 43-64) Esta virada ganhou fôlego nos anos 80 - “High Period” (HICKS, 2010, p.64), com novos motes de estudo, como por exemplo, a Antropologia do consumo, envolvendo nomes como Daniel Miller e Arjun Appadurai. A *material turn* é um movimento que busca reconsiderar o social em sua interação com a materialidade (REDE, 2012, p. 144), transcendendo abordagens semiológicas (MENESES, 2003, p.15) e buscando novos delineamentos teóricos para lidar com os mundos não humano no qual agimos sobre e modificamos para atender aos interesses práticos e simbólicos do Homem.

Vale destacar aqui, os esforços teóricos e de articulação para publicações de Daniel Miller, professor vinculado à University College London. O autor mobiliza muitos pensadores para a construção de teorizações em relação à cultura material, desde Hegel, Simmel, Marx, até Bourdieu, Gombrich e Latour. Dois conceitos suscitados por Miller são importantes aqui: o conceito de “humildade das coisas”, na qual ele sinaliza para a banalização da materialidade em relação à indagação científica por ela ser algo dado. Esta marginalização do olhar sobre as coisas mostra que elas estão cumprindo seu papel: “*objects are important not because they are evident and physically constrain or enable, but often precisely because we do not “see” them*” (MILLER, 2005, p.5) . E o

conceito de “objetificação” que, em suma, trata materialidade não só como um produto das relações sociais, mas que é possível estabelecer relações sociais com objetos (MILLER, 1998, p. 10; 2003, p. 8). Essa última conceituação, está muito próxima aos dizeres de Gonçalves nas discussões sobre o conceito de patrimônio:

Objetos materiais e técnicas corporais, por sua vez, não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural (como tendem a ser concebidos em boa parte da produção antropológica). Mas podem ser pensados, em sua forma e materialidade, como a própria substância dessa vida social e cultural (GONÇALVES, 2007,p. 219)

A fundamentação teórica aqui sucintamente descrita será o norte para as pesquisas e análises desejadas, na qual traz a cultura material e suas possibilidades de contribuição para o conhecimento científico e sua difusão para o cerne da questão.

3 | METODOLOGIA

Esta investigação, concentrando-se nos estudos de cultura material, partirá, como já dito anteriormente, da epistemologia fomentada em duas áreas, a História e a Antropologia, tendo como elo as contribuições que essas podem oferecer a Museologia e sua práxis. Vale destacar que a presente pesquisa, no momento deste texto, ainda se encontra nos primeiros passos, passando ainda por delineamento metodológico mais consistente. Dessa forma, a pesquisa empírica sondada ainda necessita de ser mais desenvolvida.

Como horizonte empírico para a proposta de pesquisa, dois museus foram selecionados: O Museu de Artes e Ofícios (MAO), localizado em Belo Horizonte e o Museu do Escravo, localizado em Belo Vale (a cerca de 80 km de distância da capital mineira). As instituições foram escolhidas pela proximidade de algumas temáticas observadas tanto no discurso expositivo quanto nos acervos que elas detêm. Dessa forma, as possibilidades de sustentar comparações são mais viáveis podendo demarcar o uso do aparato documental de cada museu, suas nuances específicas e convergências.

A partir da revisão bibliográfica e do entendimento dos estudos promovidos para com cultura material destacando a importância desse tipo de documento para as atividades do museu, e que tais estudos podem ajudar as instituições museológicas na qualidade da mediação da informação, pode-se dividir a pesquisa empírica em três momentos.

O primeiro momento será a identificação dos aspectos narrativos das exposições de cada museu: os conceitos que nortearam a construção da exposição, as temáticas contempladas e as representações simbólicas sustentadas. Para isso serão consultados, os documentos existentes das instituições que podem relatar sobre a concepção narrativa; e observações da expografia (a concepção de escrita da narrativa

da exposição) e da museografia (as práticas realizadas para possibilitar a construção da exposição, explorar suas potencialidades narrativas e avaliar a percepção e recepção do público). Tem como objetivo essa tarefa demarcar os discursos sustentados pela exposição. Como exemplo, pode-se indicar que em ambos os museus escolhidos é contemplada a temática do trabalho, sob duas perspectivas diferentes: a primeira, em um contexto de uma memória “romântica” do trabalho pré-industrial (MAO) e a segunda o trabalho em um contexto de supressão e repressão (Museu do Escravo).

Em um segundo momento, será selecionado um segmento de acervo de cada exposição. Entende-se como segmento de acervo, um conjunto de objetos que representam naquele contexto expositivo uma temática. Se possível, serão escolhidos nas exposições um segmento de acervo equivalente, seja pela tipologia ou pela representação sustentada. A partir dessas escolhas será realizada uma tarefa de “desdocumentalização” nas palavras de Meneses (1983, p. 110), que consiste em analisar os usos desses objetos e os atores envolvidos tanto em uma dimensão histórica quanto em uma dimensão antropológica, e também musealizações em outras instituições e contextos que podem indicar outros motivos para transformar objetos semelhantes em documentos. Esse momento tem como objetivo explorar as possibilidades de interpretação dos objetos, inclusive, àquelas interpretações que não são exploradas nas narrativas dos museus escolhidos. Pretende-se levantar e mapear o maior número de representações possíveis (a partir de recortes temporais e espaciais). Neste momento, em que se lida diretamente com os objetos, será o mais oportuno do trabalho para a consideração da teoria e estudos empíricos sobre cultura material. Como exemplo de segmento de acervo, pode-se citar uma temática que está presente na exposição dos dois museus: a tecelagem.

No terceiro momento, serão construídos critérios de comparação e de confrontação para analisar a força que os objetos pesquisados têm dentro das suas respectivas exposições. Alguns questionamentos serão o ponto de partida para a análise: Como eles aparecem na exposição? Quais os discursos criados sobre eles? Tais objetos são relevantes para a concepção e construção da exposição ou foram apenas enquadrados? Quais representações esses objetos podem suscitar e quais elas subsidiam na exposição? Quais representações sobre estes objetos são silenciadas pela exposição? A exposição possibilita conflitos de representação? Qual a relação que os objetos podem estabelecer com o presente? A exposição potencializa ou esmaece essas relações? Essa etapa do trabalho tem como objetivo confrontar os discursos do segmento de acervo escolhido com a narrativa expositiva tentando indicar o caráter marginal que a pesquisa com os objetos componentes da exposição assume na concepção e criação das exposições.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui exposto, ainda embrionário, tem como objetivo contribuir para suscitar discussões que destacam o papel das instituições museológicas e suas atividades como mediadoras de um conhecimento acessível com respaldo de pesquisas mais diligentes. Os estudos de cultura material, cada vez mais consolidado, tem um enorme potencial para embasar pesquisas e discussões que perpassam por veredas contempladas pelos museus, e que conseqüentemente, podem ser exploradas pela Museologia, por ser um campo científico que fundamenta e tem estimulada sua práxis nestas instituições.

Pesquisas como esta são importantes para alinhar o comprometimento do campo da Museologia com sua aplicabilidade nos museus através de oportunidades captadas em ressonância com os problemas enfrentados pela área. O estudo busca mostrar como os museus e a Museologia podem se beneficiar dessa aproximação com aportes teórico-metodológicos de outras áreas, podendo viabilizar caminhos através da interdisciplinaridade para incrementar discussões pertinentes em seu campo, e conseqüentemente, aperfeiçoar as práticas exercidas pelos museus, principalmente, as que dizem a respeito da preservação, pesquisa e extroversão de seus acervos.

Por último, se aposta nas expectativas sobre a competência do museu para contribuir para um despertar crítico da sociedade em relação à realidade, na qual atribui às instituições museológicas papéis cruciais para promover a mediação entre grupos culturais diferentes tanto historicamente quanto antropologicamente, sendo capaz de usar artifícios que possa construir uma sociedade mais tolerante e sensível. Nesta perspectiva, Meneses tem um pensamento otimista em relação ao papel do museu no século XXI.

Estou convicto de que, no século XXI, os museus não serão espaços anacrônicos e nostálgicos, receosos de se contaminarem com os vírus da sociedade de massas, mas antes, poderão constituir extraordinárias vias de conhecimento e exame dessa mesma sociedade. Serão, assim, bolsões para os ritmos personalizados de fruição e para a formação da consciência crítica, que não pode ser massificada. (MENESES, 1994, p. 14)

Dentro desta perspectiva, espera-se que a pesquisa possa realizar movimentos que convergem com o pensamento que se sustenta sobre o papel social ativo do museu no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 191 p

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Revista de estudos avançados. São Paulo, v. 5, n. 11, jan. / abr. 1991.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio.** 2007, 252p.

GUIMARÃES, M. L. S. (2003). **Memória, história e historiografia**. In: BITTENCOURT, J. N., BENCHETRIT, S.F. & TOSTES, V. L. B. (Eds.), *História representada: o dilema dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional. 2003 p.75-96

GUIMARÃES, M. L. S. **Expondo a História: imagens construindo o passado**. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 34, p. 71-86, 2002.

HICKS, Dan. **The material-cultural turn: event and effect**. In: *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press. 2010 p.25-98

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and the interpretation of visual culture**. London; New York: Routledge, 2000. xiv, 195 p

MENESES, U. T. B. **Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 2003

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material, São Paulo, n.2, p. 9-42-75-84, 1994.

MENESES, Ulpiano T. B. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. Revista de História, NS. 1983. 103-117p

MILLER, Daniel (ed.). **Materiality**. London: Duke University Press, 2005

MILLER, Daniel. (ed.). **Material cultures. Why some things matter**. London: UCL Press, 1998.

MORENO, Luis Gerardo Morales. **Limites narrativos de los museos de historia. Alteridades**. 19 (37), 2009. Pp. 43-56

PEARCE, Susan M. **Objects as meanings; or narrating the past**. 1994. In: PEARCE, Susan M.(org.). **Interpreting objects and collections**. London; New York, NY: Routledge, 1994. xii, 343 p

POMIAN, K. (2003). **Contemporary historiography & contemporary museums**. In Soldatjenkova, T. & Waegemans, E. (Eds.) *For east is east*, Leuven: Paris: Dudley: Uitgeverij Peeters: Departement Oosterse Studies p. 367-378

REDE, Marcelo. **História e cultura material**. In: CARDOSA, C. F. ; VAINFAS, R. (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012, p. 133-150.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história**. Revista História da Historiografia. Março, n. 02, 2009, p. 163 – 209

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Editora UNB, Brasília. 2001. 193p.

VAINFAS, R, **História das Mentalidades e História Cultural**. CARDOSO, C. F. ; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier, 1997,

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

